



A Música Eletrônica no Contexto das Novas Tecnologias de Comunicação

Bruno Corrêa MAZIERI
Natalya Gomes VAZ
Suzanne Paula Lemos RIBEIRO
Mirna Feitoza PEREIRA

Centro Universitário do Norte, Manaus, AM

RESUMO

Desde o surgimento do fenômeno técnico muito se tem discutido sobre a sua essência. Este trabalho levanta esse tema contextualizando-o com a música eletrônica e sua importância na cultura globalizada, bem como o contexto em que se deu essa evolução. Discute-se ainda até que ponto a música eletrônica é mesmo original, uma vez que ela é construída através de colagens e mixagens de músicas pré-existentes.

PALAVRAS-CHAVE: Fenômeno Técnico-Tecnológico; Música Eletrônica
Tecnologias da Comunicação.

Análise do contexto geral do fenômeno técnico / tecnológico

A música eletrônica é uma importante forma de comunicação da cultura contemporânea e está inserida no processo de desenvolvimento do fenômeno técnico. Conforme André Lemos (2003), o fenômeno técnico está presente desde os primórdios da humanidade e tem sido influenciado por diversos contextos sociais e culturais. Desde o seu surgimento até o atual avanço tecnológico, percorremos um longo caminho.

A palavra técnica teve sua origem no grego *tekhné*, que podemos traduzir por arte. Compreende uma gama de diversas atividades que podem ser reproduzidas, tais como a arquitetura, música, artes, entre outros. Ainda na Grécia, surge uma contradição que tem por tendência rebaixar os fenômenos técnicos em detrimento dos fenômenos naturais (LE MOS, 2003). Nos tempos atuais a música eletrônica é vítima do preconceito e tende a ser rebaixada em relação às composições eruditas, pois envolve processos como colagens, mixagens e criação de sons a partir de outros pré-existentes.

Os primeiros seres humanos que viveram na terra ainda não possuíam o senso crítico e estavam adaptados ao ambiente ao qual pertenciam sem fazer nenhum tipo de questionamento. É nesse ambiente que surge a técnica, não da maneira como a conhecemos, e sim de uma forma bem rudimentar, através da criação das primeiras ferramentas. Com o passar do tempo, o homem mostrou-se insatisfeito e buscou explicações para os fenômenos que não conhecia. Houve então uma tendência à mistificação dos fenômenos naturais, já que não existiam leis que os explicassem.



Na sociedade primitiva, o homem vivia da técnica. Agora, as máquinas, que foram geradas pelo avanço tecnológico ao longo dos anos são, de certa forma, responsáveis pela construção de diversos equipamentos, o que faz com que ainda perdure em nós um sentimento de rejeição ao novo, há uma relação de troca entre homens e máquinas: ao mesmo tempo em que o homem as inventa, ele é inventado por elas, logo uma naturalização entre homens e máquinas é algo prudente.

A história da humanidade se funde com a técnica. Ambas estão sempre em movimento de contradição e insatisfação que geram periodicamente momentos de paz ou de crise, de sacralização e profanação. Podemos perceber isso até mesmo no tipo de literatura de diferentes épocas, como a contradição barroca ao bucolismo do arcadismo. Não caberia a nós questionarmos até que ponto a evolução é benéfica, já que as novas técnicas rapidamente se tornam obsoletas?

A técnica precede o fenômeno tecnológico então, cabe aqui uma breve explicação da evolução tecnológica ao longo do tempo, como forma didática de contextualização do tema. Não devemos analisar os sistemas do homem primitivo ao homem tecnológico, que aqui não são apresentados como superiores ou inferiores, mas sim diferentes entre si e representantes de determinados períodos históricos.

A cibercultura na formação das artes pós-humanas

A idéia que temos de arte provém, em grande parte, da cultura ocidental a que somos ligados e teve suas bases no Renascimento cultural no Iluminismo protagonizado na Europa. A partir de então o homem passou a ser o centro do seu próprio universo, não estando mais submetido aos dogmas cristãos, lembrando que o homem é produto de seu tempo. Assim a arte também é fruto de um tempo e dos recursos que pertencem a esse mesmo tempo.

Com a evolução da técnica, a arte manual perdeu espaço para a arte maquínica, como o crescimento do número de fotografias em detrimento na pintura realista. Diga-se realista, pois as pinturas cubistas, dadaístas e surrealistas tiveram um aumento a partir do século XX.

Com o aumento gradativo de recursos tecnológicos, nos quais também estão inclusos meios de comunicação, as expressões artísticas foram modificadas e renovadas. Foram realizadas grandes exposições em que vídeos, sons, esculturas que utilizavam a televisão como matéria-prima, puderam ser vistas e apreciadas.

O surgimento dessas novas expressões artísticas causou controvérsias, assim também foi com o surgimento da arte maquínica. Se por um lado causava admiração, por outro



causava espanto, e um dos representantes dessas inovações artísticas tecnológicas foi o grupo *Fluxos*, que satirizava os produtos de alta tecnologia e realizava exposições onde as televisões eram uma “escultura” que causava estranheza e mal estar social. Esse movimento, em conjunto com os dadaístas, logo foi se adaptando a tecnocultura.

A partir de 1963, as primeiras imagens abstratas geradas em computador foram criadas e, nos anos 70, já era crescentes o uso da arte cibernética em conjunto com as artes plásticas, poesia digital, vídeoarte e música concreta. Uma grande facilitadora da expansão desses movimentos pós-humanos foi os meios de comunicação computacionais, que facilitaram a velocidade com que podemos enviar dados a qualquer localidade do planeta em um curto espaço de tempo.

Lembrando que essa tecnologia de alta velocidade, foi que resultou na Internet foi desenvolvida para transmitir informações da Guerra Fria e hoje já está acessível a grande parte do globo terrestre. Um grande facilitador desse processo foi a invenção de softwares mais avançados a partir da década de 90.

O termo novas mídias engloba todas as esferas da comunicação, já que mesmo os recursos hoje obsoletos já causaram espanto e foram inspirações de teorias. Há uma tendência a constantes inovações em termos de “novas mídias”, tanto é que do cinema da década de 60 para os 90 já existiam filmadoras menores e mais fáceis de manusear, permitindo assim a obtenção de novos ângulos.

Durante a década de 90 já era possível exibir imagens em um computador de mesa, e isso só foi permitido a partir da passagem de figuras em movimento sobre fundos estáticos, do loop de fotografias para a transmissão cinematográfica, do qual o predecessor foi Lumière, causaram também um grande impacto no público. Não podemos nos esquecer que o computador é uma máquina programável, que depende da construção de novos softwares e tudo depende da ação do ser humano.

O computador também surge como ferramenta inovadora na construção dos meios de comunicação, já que possibilita a assimilação e a transmissão de mensagens em tempo real, e sua incorporação às artes também foi bem aceita, como nas artes futuristas, dadaístas e no tema desse trabalho, que se refere à música eletrônica. Na década de 20 já era possível a utilização de busca e filtragem de dados, hipermídia, a visualização, simulação e o processo mais básico que é o de copiar e colar.

O acúmulo de fatores materiais e o surgimento de novas ferramentas eletrônicas permitiram na década de 80 grandes transformações estéticas nos trabalhos desenvolvidos pelos pós-modernistas.



Contexto Histórico da Música Eletrônica

Antes da primeira Guerra Mundial, já existiam equipamentos capazes de gravar sons eletrônicos, porém esses interferiam nas linhas telefônicas. Foi a partir da invenção do teremín¹ que esses equipamentos tornaram-se mais potentes e fáceis de manusear.

Com o início do movimento futurista, houve uma explosão na Europa pela busca da liberdade de expressão, e a música eletrônica mostrou-se bem adaptada a este movimento, pois valorizava o novo, que era representado justamente por essa união de sons diferentes, que rompia definitivamente com o conceito de música clássica e erudita.

O principal representante desse novo estilo musical foi o compositor Edgard Varèse. Porém, a continuação de seu trabalho foi impossibilitada pela falta de recursos financeiros. Ainda na França surgem, em 1928, dois novos equipamentos eletrônicos, as ondas Martenot e o trautônio, mas somente a partir da década de 30 houve um aumento na produção da música eletrônica. Alguns nomes que também não podem deixar de serem citados são os de Schoenberg, Weber, Luigi Russolo, Erik Satie e John Cage. De acordo com a autora Simone Pereira de Sá (2003, p. 02) é a partir do movimento de contracultura dos anos 80 e 90 que se dá o que ela chama de euforia tecno mística, onde os Djs são responsáveis pela “elevação” das pessoas que freqüentam ambientes de música eletrônica.

É como se eles fossem responsáveis por um determinado tipo de êxtase coletivo, em alguns casos, há relatos de transposição do físico para o espiritual.

A partir da fita gravada como um objeto que poderia ser manipulado, foi possível a criação de matérias-primas inusitadas, como os ruídos provocados por gritos, sussurros, entre outros. Tudo isso intercalando cortes, aumento e diminuição da velocidade, aí surgem grandes nomes como Pierre Schaeffer, Pierre Henry e Stockausen. Os dois primeiros são responsáveis pela chamada música concreta, já o último dá continuidade a um trabalho iniciado em 1949 com equipamento de uma rádio alemã, o que ficou conhecido como Elektronische musik (música eletrônica), ele foi responsável também pelo primeiro concerto desse estilo que ficou conhecido como Gesang Junglinge (Canto dos adolescentes).

¹ Este é um dos primeiros instrumentos musicais completamente eletrônicos. Inventado em 1919 pelo russo Lev Sergeivitch Termen. É único por não precisar de nenhum contato físico para produzir música e foi, de fato, o primeiro instrumento musical projetado para ser tocado sem precisar de contato, pois é executado movimentando-se as mãos no ar.



Nas décadas de 60 e 70, as primeiras experimentações musicais que antecederiam a música eletrônica já foram demonstradas em alguns trabalhos dos Beatles, James Brown, Miles Davis, músicas jamaicanas e hip-hop

O ano de 1977 merece atenção especial, pois marca a gravação de grandes músicos como Donna Summer, e o álbum *Trans – Europe Express* do grupo alemão Kraftwerk – que tem características de uma atmosfera pós-humana, mas o ápice dessa inovação se deu com a inauguração da discoteca *Paradise Garage* em, Nova York. Em meados dos anos 80, alguns djs de Chicago começam a usar um sintetizador de baixo produzindo um som metálico, que a autora Simone Sá chama de “som do futuro”.

As primeiras boates que surgiram logo ficaram estigmatizadas como ambientes gays, mas aos poucos essa idéia foi se dissolvendo, lembrando que nessa época a disco music não era um gênero, mas apenas uma música que “agitava as pessoas”.

O surgimento da música eletrônica como a conhecemos deu-se no início do século XX, e ao longo da década de 90 no Brasil, inspirada em estilos como o *house* e o *techno*, que a princípio surgiram na Inglaterra, Detroit e Chicago junto com a cultura *rave* – que é vista não só como uma cultura musical, mas também um estilo de vida.

As *raves* são vistas como uma festa de duração prolongada, que são realizadas ao ar livre ou em galpões, é também muito ligada ao uso de drogas como o Ecstasy, que remete claramente a cultura hippie-lisérgica dos anos 60.

“Na cultura rave temos a consolidação da noção de música eletrônica, tocada por djs e produzida em estúdio por engenheiros, pensada como track (faixa) e não song (canção). Música explorada em termos de timbres, texturas, espacialidade, ritmo, repetição(...) buscando levar pessoas ao êxtase através da alteração e intensificação de sensações físico-corpóreas (...) (Sá, 2003, p 09)

Esse novo estilo musical vem para contrastar com os modelos vigentes, pois questiona a relação compositor–produto, e o seu título de produtor original, à medida que para dominar equipamentos eletrônicos não é necessário compor uma música, mas apenas manipulação de outras preexistentes. Para alguns críticos, a música eletrônica é uma música desvirtuada de seu sentido original, é apenas uma repetição, e é excessivamente tecnológica, isso sem contar que com a revolução da Internet muitas músicas podem ser baixadas em grande velocidade, reeditadas e utilizadas em novas composições.

É difícil uma definição exata de como e onde surgiu a música eletrônica, pois essa se auto-intitula como um movimento contracultural, e busca um horizonte livre e



dissociado de temporalidade.

Para Walter Benjamin, a medida que uma arte se torna massificada esta perde sua aura torna-se reproduzível, e isso é positivo, a medida que permite que um maior número de pessoas participe do seu processo de produção, e é assim que acontece com a música eletrônica. Já para McLuhan (2002, p10) as tecnologias eletrônicas serão responsáveis por uma reentrada dos cinco sentidos no processo comunicatório.

Das primeiras formas de música eletrônica até hoje muitas inovações ocorreram, e uma das mais impressionantes é uma rave para surdos, que ocorreu em Londres. Nessa festa a música é enviada por ondas sonoras, é transmitida para os surdos através dos graves que sacodem o chão ou batem no peito, dessa forma eles, sentem a música sem ter que escutá-la.

DJ's, Cultura e Tecnologias

A expressão Disc Jockey refere-se ao profissional responsável pela animação de um salão de festa, programação de rádio ou programa de TV através da música, usando a mesma já gravada.

No entanto, até os anos 40 a tarefa de “colocar os discos para tocar” não era vista como alguma coisa extraordinária, pois qualquer pessoa poderia executar tal função, além do mais, os dj's eram vistos com uma certa desconfiança, já que os músicos profissionais lutavam contra a substituição das orquestras por músicas gravadas.

No início dos anos 50, e com a chegada do rock and roll, os dj's ganharam espaço dentro do entretenimento e começaram uma longa parceria com as gravadoras, rádios, programas de TV e criação de timbres e texturas sonoras que desafiam os registros humanos.

Entre todas essas parcerias e participações em produções de discos, o que mais interessa a um dj é aquilo que ainda não chegou nas grandes lojas de discos, ou até mesmo chegou e foi esquecido com o passar dos tempos. Assim sendo, a utilização de dubplates (disco em acetato com apenas uma única cópia contendo produções inéditas), ajuda no circuito da troca de informações.

Um grande aspecto dos dj's é com relação a sua apresentação “ao vivo”, como é sua mixagem naquele momento e a aceitação das pessoas. Para sua performance é necessário um kit básico formado por: dois toca-discos, um mixer (aparelho que alterna ou combina o som dos canais dos toca-discos), fones de ouvido e a coleção de discos, preferencialmente formada por vinil.

Com tanta experiência e vivência é cada vez mais comum que o dj passe a ser um



produtor musical. Fato que teve como pontapé inicial durante a disco music. Quando começou tratava-se apenas de adequar a música, à uma pista de dança.

Apostando na revolução e na criação das novas tecnologias da comunicação, a remediação da música, é considerada ousada e um grande avanço. A remediação vem para colocar o observador no mesmo espaço do objeto observado, vem unir tudo em uma coisa só, música, arte, sentimento.

Vertentes da Música Eletrônica

A música eletrônica cresce cada vez mais e ganha seguidores de suas diversas vertentes pelo mundo afora. Desde grandes casas noturnas até festas raves de grande porte espalhadas pelo Brasil e pelo mundo. Hoje algumas festas raves no Brasil, como a Universo Paralelo, recebem um público de aproximadamente 10.000 pessoas, com uma mistura de música, arte, cultura e cidadania.

O House Music é assim chamada devido as primeiras festas realizadas em armazéns americanos no final dos anos 70 onde se tocavam este estilo de música. A House Music é uma vertente da disco music dos anos 70 que foram estilos de música quase contemporâneos. Frankie Knuckles é aclamado por muitos como o "pai" da House Music, ele que é um dos pioneiros deste gênero juntamente com outros nomes, como Tony Humphries. Atualmente existem muitas sub-vertentes do house, tais como: Funky-House, Tech-House, Disco-House, Progressive-House, Electro-House, Acid House, Soulful House, Neo-Jazz-House, entre outros.

O elemento comum de quase toda o "house music" é uma batida 4X4 gerada numa bateria eletrônica, completada com uma sólida (muitas vezes também gerada eletronicamente), linha de baixo e, em muitos casos, acréscimos de "samplers", ou pequenas porções de voz ou de instrumentos de outras músicas. Representa, de certa forma, também uma evolução da disco music dos anos 70. A maioria dos projetos desenvolvidos por djs, produtores e grupos de house music têm como origem a Itália, a Alemanha, a Bélgica, além dos EUA e Reino Unido.

Apesar da House ter seu início no verão de 1987, no Brasil ela somente destronou outros ritmos em 1989, quando o mega hit "Pump Up The Jam" (Technotronic) invadiu as pistas do mundo inteiro, tornando a Dance Music uma mania mundial. Em 1993 essa mesma música retornou as paradas de sucesso no filme "Space Jam".

Hoje no Brasil o House Music tem se difundido cada vez mais. Inúmeras casas noturnas do país fazem sucesso tocando música House e convidando inclusive vários dj's de renome internacional.



Dentre uma das mais famosas vertentes está o Psy Trance, um dos mais populares estilos de música eletrônica nos últimos anos, e vem sendo tocado desde raves específicas para este estilo até clubes mais comerciais. É bastante psicodélico, tendo como característica principal a idéia de transe em que o ouvinte entra embalado pelas linhas de sintetizador repetidas ao longo das batidas da música, que consiste num ritmo 4X4. Desde o seu surgimento, o trance já passou por várias mudanças. De acordo com os detalhes em sua estrutura, podem ser dos estilos Progressive, Dark e Acid House, entre outros. Cada vertente tornou-se independente, formando uma escola para os artistas envolvidos.

O estilo surgiu em Trancoso, sul da Bahia, reduto hippie dos anos 60 e 70, o trance psicodélico apareceu no final da década de 1980, logo após seu desenvolvimento em Goa, com a vinda de estrangeiros. Já na década seguinte, apareciam as primeiras raves no estado de São Paulo. No final dos anos 90 e início do século XXI, no Brasil com diversos festivais e festas, reunindo mais de vinte mil pessoas ocorrendo ao longo do ano e em diversas metrópoles do país, e cada vez mais ganhando aceitação do público em geral. Grandes artistas como GMS, Infected Mushroom, Skazi, Eskimo, Talamasca vêm freqüentemente ao país, às vezes mais de três vezes ao ano.

Psy trance é uma forma de música eletrônica desenvolvida no fim dos anos 80, em Israel, a partir do Goa trance. Este estilo tem uma batida rápida, entre 135 e 165 batidas por minuto (bpm), além da batida forte de kick, num compasso 4x4, que algumas vezes difere da batida do techno, por ter um alcance de freqüência um pouco mais alto, além dos sons graves.

Dentro da cena atual, a produção de música eletrônica é abundante e rica em qualidade, dividindo-se nitidamente em três fortes correntes principais: Full On, Progressive e Dark. Abaixo mostraremos algumas das vertentes do House Music mais usadas na festas que ocorrem no Brasil e no mundo.

Full On

É a vertente mais pesada e rápida do Psy Trance. Seus baixos são corridos com muitas variações de tons, sintetizadores ao extremo e por uma grande oscilação entre momentos de euforia total e melodias bem trabalhadas, geralmente construídas entre 142 e 150 bpms. É sem dúvida um som que tem um apelo dançante. É extrovertido e convidativo à expressão corporal da dança. Seus elementos vão entrando, cada um em seu tempo, até que a música enche, e então explode.

Progressive



Vertente mais calma, lenta do Psy Trance, construída geralmente entre 130 e 140 bpm. A oscilação é deixada de lado, o som é mais constante, retilíneo e crescente. Os sintetizadores são mais sutis, sendo a batida e a linha de baixo o que mais interessam ao trance. É uma música introspectiva, que busca equalizar as ondas do cérebro, e assim, chegar a um estado meditativo da dança. É o som típico de fim de tarde no qual, depois do Dark e do Full On, é muito aceita para descansar o corpo e a mente.

Dark

A celebração psicodélica precisa tanto dos momentos de euforia e dança que o Full On proporciona no auge da festa, assim como do som barulhento e sinistro do Dark, além dos insights meditativos do Progressive, após a energia ser trabalhada. Tudo no seu tempo e com harmonia.

Drum and Bass

Também abreviado como D&B, DNB ou simplesmente DB, é um estilo de música eletrônica que originou-se a partir do jungle. Surgiu na metade dos anos 90 na Inglaterra. O gênero é caracterizado por batidas rápidas, próximas a 170 BPM.

Acid House

É a mistura de elementos do house com o som pesado e graves fundos do sintetizador Roland TB-303. Esse estilo era exclusivamente um fenômeno de Chicago, mas rapidamente os singles cruzaram o Atlântico e o Acid House assumiu o controle nas festas em Londres em 1987. A partir daí, o acid house ficou conhecida e saiu para o popular em meados de 1988.

Acid jazz

Também conhecido como club jazz é um gênero musical que combina elementos do soul music, funk e disco particularmente com batidas repetitivas, o baixo é um instrumento de grande destaque nessa ramificação do Jazz.

Música Eletrônica no Brasil

No Brasil as produções relacionadas à música eletrônica demoraram um pouco a se estabelecerem, a partir da experiência de Reginaldo de Carvalho, em 1956, que compôs em Paris as primeiras obras eletroacústicas. Retornando ao Brasil assumiu a direção do Instituto Villa-Lobos, no Rio de Janeiro, que se tornou o centro para música experimental. Logo em seguida entra no ramo Jorge Antunes, que compôs na década de 60 as primeiras peças brasileiras realizadas com sons realmente eletrônicos.

A música eletrônica no Brasil começou a se popularizar com o surgimento de sintetizadores digitais, que num futuro tornariam-se os samplers. Porém a verdadeira



explosão deu-se com a aquisição dos computadores pessoais que permitiam montar um home-studio possibilitando a manipulação e apresentação dos sons virtuais.

O Brasil atualmente possui alguns dos melhores profissionais da música eletrônica. Djs como Mau Mau, Marky, Roni Size, Rica Amaral, Feio, Patife e K-Milla (ganhadora do case de Carl Cox) são profissionais que explodem não apenas no eixo Rio-São Paulo, mas também entre vários lugares do mundo.

Entre as mais variadas casas noturnas e festas no Brasil, podemos citar: The Week (São Paulo), Universo Paralelo (Salvador), Lov.e (São Paulo), Ecosystem (Amazonas) e Baronetti (Rio de Janeiro).



Conclusão

Ao término do trabalho, podemos concluir que ao analisarmos o contexto do fenômeno técnico-tecnológico é de suma importância enfatizarmos que o homem passou por diversos contrastes consigo e com as máquinas, e a evolução da técnica foi essencial para que esse mesmo homem pudesse “desmontar” certos mitos que o “assombravam” e então passasse a se questionar o porquê de vários assuntos relacionados à natureza e as coisas que o cercavam.

Percebemos claramente que uma dada época é feita não só de homens, mas também dos mais diversos meios tecnológicos que os cercavam, ou seja, a técnica é vista como uma relação marxista, à medida que influencia o meio e também é por ele influenciada. Ao homem foi permitido achar soluções para o seu cotidiano, a partir do desenvolvimento de métodos que facilitaram o relacionamento com o meio ambiente. Com a revolução cultural primeiramente pelo Iluminismo a arte maquinica foi ganhando cada vez mais espaço em detrimento da arte manual. As mudanças tecnológicas durante o passar dos anos, principalmente no que diz respeito à arte de modo geral, foi estudada em seu contexto pós-modernista, utilizando como ferramenta de trabalho um meio ainda pouco utilizado como o computador, ou mesmo as esculturas feitas primordialmente de aparelhos eletrônicos.

Ao movimento futurista foi destinada a inovação, a produção e a expansão da arte que vangloriava-se inovadora, repleta de liberdade de expressão, e é nesse contexto sociocultural que surge a música eletrônica, e mostra-se bem adaptada a este movimento.

Com a música eletrônica é possível perceber a ligação que existe com o fenômeno técnico-tecnológico através da invenção de diversas maneiras de mudar a música, transformá-la de uma maneira diferente de tudo que já tinha se produzido até então, mas sem deixar perder a essência que é a transmissão de algo que lhe proporcione o bem-estar. Os dj's são como maestros de suas pick-ups prontos para levar alegria através dos seus discos de vinil que proporcionam festas imensas com milhares de pessoas dispostas a dançar por horas.

O trabalho desenvolvido foi essencial para que pudessemos desenvolver uma das discussões que afeta os mais variados estilos musicais no que diz respeito à composição de uma obra, já que o estilo musical em voga é feito basicamente de colagens e mixagens.



Referências bibliográficas

BUKER, Peter - Cultura popular na Idade Média. SP, Cia. Das Letras, 1989

LEMOS, André. Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre : Sulinas, 2003. Capítulo I, Capítulo I : O nascimento da cibercultura: a micro-informática, O fenômeno tecnológico através da história.

SANTEELLA, Lucia. Culturas e artes do pós-humano. Da cultura das mídias à cibercultura. Comunicação

WISNIK, José Miguel – O som e o sentido. Uma outra história das músicas. Cia das Letras, São Paulo, 1989.

Revista Super Interessante, edição 201 – junho de 2004, página 38.

In: SA, Simone. MÚSICA ELETRÔNICA E TECNOLOGIA: reconfigurando a discotecagem
In: <http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2003/GT12TB8.PDF> (último acesso 08/04/2008)

In: CONSCIÊNCIA E MEMÓRIA COMO OBJETOS DA COMUNICAÇÃO: o approach de Marshall McLuhan
Site: <http://puers.br/famecos/pos/revfamecos/24/vinicius.pdf/>. (último acesso 06/04/08)

In: http://www.guiadaaudio.com.br/index.php=com_content&task=vmiew&id=13 (último acesso 08/04/2008)

In: <http://www.ravers.com.br/mostramaterias.php?id=19> (último acesso 08/04/2008)

In: http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%BAsica_eletr%C3%B4nica (último acesso 08/04/2008)

¹ Trabalho apresentado no GT – Audiovisual, do Iniciacom, evento componente do VII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte.

² Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo do Uninorte, email: brunomazieri@hotmail.com

³ Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo do Uninorte, email: natalyavaz@hotmail.com

⁴ Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo do Uninorte, email: suzannelemos@hotmail.com

⁵ Orientador do trabalho. Professora Doutora do Curso de Comunicação Social do Uninorte email: mirnafeitoza@uol.com.br